

Um sete um – Ou sobre a ‘arte’ de colar

Rafael Sereno

Perdi a virgindade aos onze anos de idade, por pressão típica dos amigos e pela necessidade de sobrevivência. Sílvia, moça de cabelos claros e olhos azuis, sentava à minha frente nas aulas e foi a escolhida. Aconteceu no descuido de nossa mestra. Ao tomá-la pelas mãos, entrelacei-a em minhas pernas e, com movimentos frenéticos, olhei para os lados atentamente, a cada dois minutos, ansioso para terminar o mais depressa possível. Até hoje, fico a imaginar o espanto da professora ao corrigir a prova de minha companheira, numa folha envergada e levemente úmida devido ao suor de minha tensão.

Lograr professores para sustentar os estudos – em outras palavras, colar - é uma decisão difícil de tomar. Numa rápida pesquisa com 15 universitários, 60% deles revelaram que se consideravam “bundões” ao extremo para cometer o ato ilícito pela primeira vez. Uma curiosidade: 80% dos alunos afirmam que se iniciaram por conta da influência dos amigos. Dado mais interessante: 53% começaram a prática no mesmo ano ginasial, a famigerada 5ª série.

Achar explicações para tanto requer uma rápida passada pela história escolar de cada um. Antes de me iniciar com Sílvia, na 5ª série, tinha pavor de ser pego em flagrante. Por conta disso, estudava com afinco e, quando chegava a prova, havia um fluxo migratório das carteiras em minha direção. Os professores, é óbvio, notavam, e reforçavam suas observações sobre mim, o que tornou minha infração com Sílvia motivo de orgulho. Triste era perceber que, enquanto eu era vigiado, os demais alunos da classe se esbaldavam na desatenção da professora.

Dissimulações

Foi na 5ª série que a hoje estudante de arquitetura Mariane Gonçalves, 24, então aluna do Colégio Santa Maria, em São Paulo, pôs em prática seus dons naturais de escrita. Com perfeição, ela escreveu fórmulas e respostas às perguntas mais óbvias numa pequena folha, em grafia invertida e de trás para frente, de modo que qualquer interpretação exigia o uso de um espelho. O professor de língua portuguesa Jacques Ribeiro observou a folha solta em cima da carteira, com palavras incompreensíveis, e elogiou o esforço da garota em

rascunhar e apagar, na seqüência, um suposto erro de cálculo. De fato, esforço foi do que ela nunca precisou para obter boas notas.

Paulo Oliveira, 23, programador de computação, relata que colocou pela primeira vez por influência dos amigos. Engenhosamente, pregou debaixo da carteira, com um tacho de pouco mais de três centímetros, uma folha de cartolina verde que continha transcrições do livro de gramática. Dona Ângela Begon, 51, tinha o rosto coberto por verrugas e acesso de loucura se pegasse algum aluno no flagra. Paulo não estudou as matérias e apelou. O engenho funcionou perfeitamente. A professora curvou-se à frente de uma menina magricela, há três carteiras de distância, e orientou-a para que transcrevesse as respostas a lápis. Paulo girou sorratamente o pequeno tacho e reteve o documento entre os dedos. Depois, usou o artifício em mais três avaliações naquele semestre.

Faltava uma hora para o almoço quando a professora Solange Albuquerque entrou na sala de aula. Esboçou o sorriso costumeiro, tachado de cínico pelos alunos. Cumprimentou brevemente os pupilos e pigarreou a velha máxima do “Comigo tem que ser criativo para colar e escapar da reprova”. Alex de Lima, 21, à época com 14, sentou-se na terceira carteira na fileira encostada à parede esquerda, mesma direção em que se posicionou Solange na imensa mesa do professor, mais à frente. Três minutos de prova passaram-se e Jorginho, um mulatinho encenqueiro, arfou e alongou a gola vermelha do uniforme engomado pela mãe. Pediu, com um jeito impossível de recusar, para abrir a cortina; benevolente, a professora consentiu. Alex relanceou os olhos em direção à parede do lado de fora da sala, separada pelo vidro e encoberta pela cortina. Lá, na folha de caderno afixada pouco antes da prova, descobriu que Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, não fora o tutor do jovem D. Pedro II, mas sim José Bonifácio; Mauá era a resposta da pergunta três. Daniela, moça de sardas no rosto, grunhiu, pouco tempo depois, e reclamou do sol em suas costas. Cortinas fechadas. É a vez de Alex sentir calor. Na quinta reclamação, Solange resolveu acabar com a brincadeira e determinou, de forma inquisitiva, que a cortina ficasse aberta. Reclinou a cabeça na sombra do pano bege. Antes mesmo de Jorginho saber as razões do movimento abolicionista da segunda metade do século XIX, a professora expirou um “Que dia bonito, não?”

Pesquisa divulgada recentemente por um instituto de ética de Los Angeles, no Estados Unidos, mostrou que, em 2002, 74% dos 10 mil alunos do colegial do país colaram no ano letivo anterior, um crescimento de 61% em comparação à década anterior. Outro estudo revelou que, em 2001, 75% dos estudantes, também no colegial, colaram ao menos uma vez. O índice de 1963, longínquo ano da morte do presidente John Kennedy, era de 25%.

Há aqueles que deixam escapar por pouco a oportunidade de fraudar. Raquel Silva, 36, cursava Administração em 1997, época em que atuava como vendedora das Casas Pernambucanas. Não sabia nada na prova de contabilidade e avisou os quatro colegas que a rodeavam na sala que pediria ajuda. Restando dez minutos para o término da avaliação, viu os colegas se retirarem seguidamente e, aflita, lançou um olhar de súplica para Fernando, que estava para sair. Ao passar pela carteira, ele deixou no canto uma nota de R\$ 1. Raquel estranhou, pôs o dinheiro na carteira pensando no lanche do intervalo e decidiu reclamar com franqueza mais tarde. “Mas você não pegou o dinheiro?”, disseram-lhe. A nota que mais tarde voltou ao bolso de Fernando trazia, acima do beija-flor, o detalhamento das cinco questões da prova. Desconsolada, Raquel preferiu ficar sem lanche naquele dia.

Wagner Tozzini, 25, pediu ajuda na prova de português; Paulo, na carteira ao lado, jogou sutilmente uma folha em sua carteira. Perdido em meios aos papéis, Tozzini ergueu o braço e gritou em voz alta para a professora Simone Wakanabe e aos colegas: “É de alguém esta folha?”

Alguns professores são felizes em muitas tentativas infelizes de alunos. Jéferson Araújo, 18, recusou o convite de colegas de trabalho para almoçar fora e aproveitou a hora de descanso em seu serviço para produzir uma cola no mesmo tamanho e letra utilizados na impressão do Código Penal Brasileiro. No entanto, seu professor tinha obsessão pelo artigo 171, escolhido a dedo pelo aluno para ironizar o estelionato que cometia. O mestre descobriu o crime numa simples folheada de rotina.

O professor de Biologia Antônio Alberto gravou um CD com letras ecologicamente corretas, pintou um quadro intitulado “Mãe-Natureza”, retratada com árvores dotadas de mamilos ao longo do caule, e assustou os alunos do 1º ano do curso técnico de Qualidade no Colégio Técnico de Limeira. Entrou na sala com a barba por fazer, olhos esbugalhados,

assoviou *Take my breath away*, parodiando Tom Cruise em *Ases Indomáveis*, e anunciou calmamente o “kit anticola”. Ajeitou um reluzente capacete vermelho na cabeça, dotado de dois espelhos retrovisores, um de cada lado, e ampliou o alcance do monitoramento. Mandou os alunos fazerem a “ola”, semelhante à torcida do Clube do Remo no Mangueirão de Belém do Pará, para descobrir eventuais colas nas mãos. Dispôs um rolo de papel higiênico em cima de uma carteira: “É para quem passar mal”. Deixou um giz vermelho engatado num estilingue para combater de prontidão o aluno abusado e um despertador dos anos 1940 em cima da mesa, com ruído cavernoso, para estabelecer horário de início e fim da prova. “A primeira questão caiu na UFI, Universidade Federal de Iracemápolis”, anunciou. Colar foi complicado naquele dia.

Assim como a tecnologia modificou o sistema de trabalho na indústria brasileira a partir dos anos 70, avançou também para as salas de aula. Hoje cola-se com celulares (até a reprodução de folha de caderno da menina mais inteligente da classe virou papel de parede no aparelho), palmtops, calculadoras científicas ou as que transmitem mensagens por raios infra-vermelhos. Mas 80% dos entrevistados nesta reportagem ainda usam métodos ancestrais e criativos para rebelar-se contra o sistema educacional e, por meios nada ortodoxos, obter uma boa nota.

Cola poderia até virar caso de polícia. A idéia de enganar o professor Juscelino Ramos foi engenhosa, mas altamente reprovável no sentido ético pela direção da Escola Estadual Professor Antônio Borges, em Limeira, interior de São Paulo. Aproveitando-se do daltonismo do mestre, os alunos rabiscaram em giz vermelho as fórmulas intrincadas de física na lousa verde. O professor nada percebeu. A maioria dos alunos teve bom desempenho na avaliação, mas Dante, garoto *nerd*, pôs tudo a perder. Confessou em voz alta a um amigo, pouco tempo depois, o orgulhoso ardid, mas não reparou na presença próxima do professor. A prova foi cancelada.

Concluí, com base em diálogos de alto nível, que talvez a mais perfeita cola acontecerá com o aluno que conseguir argumentar e convencer o próprio professor de que precisa recorrer a lembretes na prova, justificando suas razões, e receber, da boca e da caneta azul do mestre no pós-prova, a liberdade para fraudar. Ou então utilizar dotes

mediúnicos para baixar o espírito de algum grande mestre da matemática no momento da avaliação. Falta alguém para se habilitar.